

ASPECTOS APOCALÍPTICOS E SOCIAIS N' 'O PASTOR' DE HERMAS

**Filipe N. Silva
Pedro Paulo A. Funari**

RESUMO

Este artigo discute alguns dos elementos apocalípticos apresentados na obra "O Pastor", atribuída ao liberto Hermas. Ao reconsiderar seus aspectos filológicos quanto à datação e autoria, pretende-se, ademais, apontar caminhos para a utilização deste texto enquanto documento histórico sobre as comunidades cristãs e suas relações com o universo social do Império Romano nos primeiros séculos da Era Comum.

Palavras-chave: Hermas. O Pastor. Cristianismo.

INTRODUÇÃO

Usual entre os estudos que versam a propósito dos pormenores referentes às comunidades cristãs do Mediterrâneo já no segundo século (BROWN, 2009:232-234), a obra *O Pastor* – de autoria atribuída ao liberto Hermas - oferece àqueles que se dedicam à leitura de suas visões, mandamentos e parábolas, a possibilidade de observar algumas das principais questões concernentes aos heterogêneos grupos sociais ligados às redes de sociabilidade religiosa à época imperial romana (RIDDLE, 1927). Apesar de não haver referência a Cristo, o documento circulou em círculos cristãos, tendo sido, por isso, associado às correntes cristãs primitivas.

É inegável que as referências à relação entre pecado e penitência, castidade e celibato ou desmesura sexual, por exemplo, também podem ser observadas nas epístolas paulinas, ou mesmo nos evangelhos (canônicos ou não) que caracterizam a produção textual, sobretudo, do primeiro século. A peculiaridade de *O Pastor* enquanto documento histórico para estes estudos, no entanto, tem sido reconhecida pelos estudiosos (DEMETZ, 1927). Para Peter Brown (2009:233), a obra de Hermas seria imprescindível para a compreensão das relações entre membros das diferentes classes sociais, em Roma. A questão da moral sexual entre os cristãos dos séculos I e II da Era Comum, da mesma forma, também encontraria n' *O Pastor* alguns de seus principais referenciais. O estudo de Eduardo Hoornaert (2002), por sua vez, enaltece a própria trajetória social de Hermas: enquanto liberto, antigo escravo, portanto, convertido e pai de família, seus escritos representam, em última instância, “uma corrente anti-hierárquica e anti-burocrática em tensão com a corrente tradicionalista e sacerdotal” (HOORNAERT, 2002:77). Convém ser prudente quanto à historicidade dessa progressão de escravo a liberto, pode ser apenas uma narrativa sobre o autor para ressaltar tanto uma origem humilde como a passagem da servidão à liberdade.

Se, por um lado, o potencial de *O Pastor* para o estudo da História pode ser constatado a partir da pluralidade temática que seus versos comportam, por outro lado, concomitante a todos estes temas (e.g. escravidão, sexualidade, riqueza, pecado), deve destacar-se também a sua filiação (por vezes parcial, segundo alguns autores) à complexa questão dos gêneros apocalípticos da tradição judaico-cristã da Antiguidade (NOGUEIRA, 2005). Nesta ocasião, trataremos de alguns aspectos do aspecto escatológico do texto para, em seguida, abordar a segunda parábola e como retrata as relações sociais durante o Principado (RIVAS REBAQUE, 2014). A aproximação a esta

temática, ainda que à guisa de introdução, requer algumas considerações acerca da própria obra *O Pastor*.

A OBRA E O AUTOR

Não há grandes discordâncias quanto à datação precisa da obra *O Pastor*. Embora os estudiosos apresentem certa variação entre os anos 120 (BROWN, 2009:232), 140 (MARTÍN, 2007:176) e 150 (FRANGIOTTI, 1995:165), o livro de Hermas tem sido atribuído ao século II da Era Comum (TURNER, 1920).

Sua feitura, conforme se pode depreender das próprias referências contidas no âmbito da narrativa, teria ocorrido nas proximidades da cidade de Roma pelas mãos um indivíduo, ex-escravo e pai de família. Pelo fato de a obra possuir três divisões temáticas importantes – Visões, Mandamentos e Parábolas – cogitou-se a possibilidade de *O Pastor* não possuir um único autor, mas três, sendo um para cada divisão que compõe o livro. Estudos recentes, no entanto, têm reconhecido significativa coerência linguística entre as três partes do livro, e a possibilidade de uma autoria coletiva tem sido desfavorecida pelos estudiosos da obra (FRANGIOTTI, 1995:164; MARTÍN, 2007:176).

Por vezes colocado no cânon do Novo Testamento, *O Pastor* atingiu significativa circulação entre os cristãos na Antiguidade. Sua caracterização enquanto texto apócrifo teria ocorrido apenas durante o decreto do papa Gelásio, entre 492 e 496 da Era Comum (FRANGIOTTI, 1995:164). Outras referências a Hermas e ao *Pastor*, ademais, têm sido identificadas, por exemplo, nas cartas de Paulo (mas não deve ser o mesmo Hermas), nos escritos de Eusébio de Cesareia e Jerônimo. José Pablo Martín (2007:182), em sua interpretação acerca do conteúdo apocalíptico contido nos escritos

sobre a torre (a Igreja, segundo o anjo da penitência que fala a Hermas), chega a fazer alusões a uma possível continuidade entre *O Pastor* e a questão das cidades na obra do santo Agostinho.

Este aspecto de apocalipse contido n' *O Pastor*, no entanto, extrapola o intento de apresentação proposto neste trecho. Antes de adentrarmos nas possíveis peculiaridades apocalípticas apresentadas nos escritos de Hermas, faremos uma breve digressão acerca das características do texto apocalíptico a partir dos estudiosos que se debruçaram sobre as complexidades desta temática.

APOCALIPSE(S): CONTEXTO E CRÍTICA

A calma e a homogeneidade proporcionadas pelo significado *revelação* quando pesquisamos sobre o significado de *Apocalipse*, com efeito, tende a simplificar a complexa teia semântica, política, religiosa e literária que marca as discussões em torno de conceitos como *apocalíptica*, *escatologia apocalíptica* e *apocalípticismo* (COLLINS, 1998:03-03; VALDEZ, 2002:55). Se, por um lado, o referencial ao componente apocalíptico está associado à elaboração de milenarismos, concepções escatológicas de fim dos tempos e até mesmo o apocalípticismo “significando a ideologia de um movimento” (COLLINS, 2010:34), por outro lado, de maneira similar, tem-se buscado reconhecer, desde o século XIX, ao menos no que concerne às produções literárias, um gênero apocalíptico dotado de características próprias.

A avaliação histórica de John Collins (2010:20) a propósito das tradições textuais judaicas e cristãs permite-nos entrever alguns dos pormenores históricos, teóricos e sociais que tangenciam essas questões: segundo o estudioso, o uso da palavra grega *apokalypsis* como título de um texto apocalíptico não teria ocorrido em períodos históricos anteriores

ao advento do cristianismo e o Apocalipse de João (COLLINS, 2010:20). Logo, o título não pode servir de critério para designação de toda a tradição textual mais antiga, e que também compartilha dos pormenores apocalípticos apresentados pelos estudiosos.

Embora não haja consenso entre os estudiosos quanto à possibilidade de haver um único modelo de texto apocalíptico, Collins (2010:22), à luz das considerações obtidas a partir da publicação dos estudos contidos na *Semeia*, no final da década de 1970, estabeleceu as características do texto apocalíptico enquanto:

(...) Um gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é mediada por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural (...). A forma do apocalipse envolve uma estrutura narrativa que descreve o modo de revelação. Os principais meios de revelação são visões e jornadas sobrenaturais, suplementadas por discurso ou diálogo e, ocasionalmente, por um livro celestial. A presença de um anjo que interpreta a visão ou serve de guia na jornada sobrenatural é o elemento constante. Essa figura indica que a revelação não é inteligível sem auxílio sobrenatural. Está fora do mundo (...) (COLLINS, 2010:22-23).

A ênfase no desamparo humano em relação ao intermediador da revelação, junto com a apresentação, por parte da divindade sobrenatural, de outro mundo, também seriam características do gênero apocalíptico. Para Collins (2010:24), ademais, a diferenciação entre os apocalipses de cunho histórico (tais como Daniel e Esdras) e aqueles dotados de uma jornada sobrenatural deve ser resguardada. A destruição do mundo a partir

de uma perspectiva escatológica, por seu turno, não seria obrigatório e/ou padronizado em todos os textos designados sob esta definição de apocalipse: daí a possibilidade de pensar em tradições e configurações textuais distintas, embora similares quanto aos seus anseios apocalípticos.

Diante deste contexto, e retomando o objetivo último deste ensaio, cabe o questionamento: *O Pastor* se enquadraria bem nesta designação de apocalipse? A obra do ex-escravo traz ao leitor aspectos que nos permitiriam caracterizá-lo enquanto um texto apocalíptico a partir dessas definições? Caso esta definição não seja aplicável, compatível com o texto de Hermas, qual seria a melhor definição de apocalipse para *O Pastor*? Alguns estudiosos, com efeito, já procuraram avaliar essa questão, e as constatações por eles obtidas, conforme procuraremos demonstrar, são bastante variadas.

O PASTOR E O(S) APOCALIPSE(S): POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES

Em *A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C -200 d.C)*, Ana Valdez (2002) revisita as tradições interpretativas referentes ao estudo do gênero apocalíptico.

No que concerne à possibilidade da definição de um gênero textual apocalíptico, Valdez (2002) reivindica uma divisão específica, estabelecida com base “no modo como a revelação é feita e qual o conteúdo escatológico presente” (VALDEZ, 2002:63). Nesse sentido, para a autora, ao revisitar as literaturas apocalípticas judaica e cristã da Antiguidade, seria imperioso reconhecer, primeiro, dois tipos principais de apocalipses. Em segundo lugar, é imprescindível reconhecer critérios de distinção e estabelecer os elementos de diferenciação dentro mesmo destas divisões.

Assim, segundo Valdez (2002), uma tentativa de organizar os textos apocalípticos ocorreria da seguinte forma: o Tipo 01 caracterizar-se-ia pelos chamados *Apocalipses sem viagem ao outro mundo*. Dentro deste tipo de apocalipse, para a estudiosa, poder-se-ia alocar os apocalipses dotados de:

- a) Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica;
 - b) Sem pormenores históricos, mas com escatologia política e/ou cósmica;
 - c) Apenas uma escatologia pessoal
- (VALDEZ, 2002:63).

O grupo de apocalipses nomeados pela autora como de Tipo 02, por seu turno, seria composto pelos chamados *Apocalipses com viagem ao outro mundo*. Neste grupo, a autora identifica a diferenciação dos apocalipses quanto a:

- a) Pormenores históricos, crise escatológica e escatologia política e/ou cósmica;
 - b) Sem pormenores históricos, mas com escatologia política e/ou cósmica;
 - c) Apenas uma escatologia pessoal
- (VALDEZ, 2002:63).

Para Valdez (2002:64), o apocalipse de tipo 1B seria aquele que melhor corresponderia ao livro de Hermas. A estudiosa observa, ademais, que esta classificação comportaria apenas textos apocalípticos cristãos. Perspectiva similar é apresentada no estudo de José Pablo Martín (2007).

Martín (2007) reconhece em *O Pastor* os planos de uma nova sociedade em andamento, sobretudo quanto à metáfora da torre

em construção e sua possível associação com a Igreja. Para o estudioso argentino, a ênfase no batismo e na remissão dos pecados durante o período que corresponde ao término da torre, com efeito, aludem a uma única oportunidade dada pelo criador à humanidade. Ao avaliar a *Terceira Visão* de *O Pastor*, Martín conclui que:

O parágrafo (*Visão 3*) contém uma das chaves do livro. Nele, produz-se a transferência da ideia apocalíptica enquanto uma mudança cósmica e política iminente para a ideia de uma sociedade que, por suas características, é a realização definitiva da história humana. Obscurece-se a forma de uma ruptura e acentua-se a forma de uma continuidade dos processos históricos. Estes processos, sem dúvida, contêm a mudança em direção ao perfeito e último, e, nesse sentido, seguem sendo apocalípticos e reveladores do final (MARTÍN, 2007:179. Grifos nossos, tradução nossa).

Em estudo acerca das recepções do livro de Hermas na Antiguidade Tardia, Dan Batovici (2016) argumenta que o gênero apocalíptico pode ser observado na obra *O Pastor* ao longo de todo o livro, mas, de maneira mais enfática e explícita na primeira parte, intitulada *As visões*, do que nas demais. À maneira de Valdez (2002), Batovici (2016) não rejeita o modelo de Collins (2010), embora entenda que *O Pastor* não se caracteriza pela viagem a outros mundos.

Segundo o estudioso, por um lado, os anseios apocalípticos e escatológicos podem ser observados em dois excertos principais: aqueles que aludem à metáfora da construção da torre, e também nas referências feitas à besta (apresentadas na quarta visão de Hermas) que poderia encerrar a história da humanidade. Por outro lado, Batovici (2016:54) salienta que, ao

longo de toda a obra pode reconhecer-se uma alusão ao caráter apocalíptico de O Pastor por meio do uso de um conceito específico e que, segundo o autor, carrega consigo um potencial apocalíptico significativo: trata-se, com efeito, da palavra grega μετάνοια (metánoia) (Batovici, 2016:64-66), traduzida pelo autor como repentance, ou arrependimento, mas que inclui o sentido de conversão, tanto na literatura cristã (cf. At. 26, 20), como na filosófica grega, já em Platão (Fattal, 2016:19), mas também na Septuaginta (Fattal, 2016: 49).

Do exposto até aqui, podemos constatar que, embora os estudiosos não considerem que O Pastor seja de todo compatível com o modelo de gênero apocalíptico apresentado por Collins (2010) e seus seguidores, é possuidor de algumas de suas características reconhecidas pelos estudiosos da obra, tais como: a revelação intermediada por uma entidade sobrenatural; um destino apocalíptico/escatológico associado ao término da torre/Igreja anunciada pelo anjo da penitência; a besta que poderia trazer a tribulação à humanidade. Convém, no entanto, observar os excertos correspondentes a estas fundamentações.

HERMAS E APOCALIPSE

Já no início de *O Pastor*, Hermas é surpreendido por uma entidade sobrenatural que arrebatava o liberto e o leva em direção à mulher que havia desejado ao sair do Tibre: a princípio, tratava-se da interferência de um espírito que, em um segundo momento, leva-o em direção a uma senhora sentada em uma poltrona. Na segunda visão, porém, Hermas tem contato com uma senhora, até então desconhecida, que vai levar adiante suas revelações junto do Anjo da Penitência e do Pastor. A missão de Hermas,

com efeito, será transmitir às populações a mensagem que as entidades o ensinaram por meio das visões.

A influência do contexto religioso dominante na formação pessoal do ex-escravo, aliás, também pode ser observada neste excerto:

Irmãos, quando eu dormia, tive uma revelação. Foi-me feita por um jovem encantador, que me disse: “Quem achas que é a mulher idosa de quem recebeste o livrinho?” Eu respondi: “A Sibila” (Την Σίβυλλαν). Ele disse: “Estás enganado. Não é ela”. Eu perguntei: “Quem é então?” Ele me respondeu: “É a Igreja” (Ἡ Εκκλησία). Eu lhe perguntei: “Então, por que era tão idosa?”. Ele respondeu: “Porque foi criada antes de todas as coisas. Por isso ela é idosa. Foi por meio dela que o mundo foi ordenado” (...). (HERMAS. *O Pastor*. 2ª Visão. 8, 1-2. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

Na terceira visão, a torre é apresentada a Hermas pela senhora: é a sua feitura que acompanha o destino da humanidade em termos de salvação ou condenação. Enquanto ela ainda não estiver finalizada, o arrependimento dos pecados seguido de penitência e pureza no coração, com efeito, podem conduzir o indivíduo à torre. Os blocos e suas respectivas formas seriam as pessoas que, conforme sua atuação na vida quotidiana, encaixam-se com maior ou menor dificuldade na torre em construção. No capítulo 11, versículo 02, a senhora dirige-se a Hermas nos seguintes termos:

“(...)A torre que viste em construção, sou eu mesma, a Igreja, que viste agora e antes. Pergunta o que desejas a respeito da torre: eu te revelarei, para que te alegres com os santos (...). Ouve porque a torre foi construída sobre as águas: é porque vossa vida foi salva pela água e ainda o será. A torre foi construída pela

palavra do Nome todo-poderoso e glorioso, e é sustentada pela força invisível do senhor” (HERMAS. *O Pastor*. 3ª Visão. 11,03-05. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

Durante a explicação acerca dos blocos rejeitados e que não poderiam ser utilizados na construção da torre, a senhora alude à possibilidade de salvação por meio do batismo, do arrependimento e da penitência. Nesse ínterim, Hermas indaga a senhora em relação à possibilidade do fim dos tempos por interferência divina:

(...) Perguntei-lhe ainda sobre os tempos, para saber se já havia chegado o fim. Ela, então, gritou em voz alta: “Insensato, não vês que a torre ainda está em construção? Quando estiver terminada, então chegará o fim. E ela será terminada logo. Não me perguntes mais nada (...)”.

(HERMAS. *O Pastor*. Terceira visão. 16, 09. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

A associação entre a finalização da torre e a perspectiva de salvação (ou condenação) da humanidade, com efeito, alude à possibilidade de o indivíduo obter pela Porta o caminho para se juntar aos blocos que compõem a torre. O tema do caminho (*hodos*, em grego, *derekh*, em hebraico) é recorrente, na literatura judaica e cristã, para designar o correto percurso na vida. É interessante notar que esta temática perpassa toda a obra: seja as visões que abrem o livro *O Pastor*, ou mesmo as últimas parábolas encerram o percurso textual de Hermas, as possibilidades de salvação por meio da Igreja são o cerne dos diálogos e revelações entre o receptor humano e o mensageiro (anjo) da divindade.

Apesar de o espaço deste ensaio não permitir uma exposição pormenorizada de todos os excertos empregados nesta empreitada, convém

observar um último trecho que também caracteriza o tempo de feitura torre enquanto o espaço temporal restante à humanidade. Trata-se, com efeito, da décima (a última) parábola da obra *O Pastor*, na qual o próprio Pastor dirige-se a Hermas sob os seguintes termos:

(...) Fazei, portanto, boas obras, todos vós que recebestes bens do Senhor, para que a construção da torre não termine, enquanto tardais em praticá-las. É por vossa causa que os trabalhos da construção foram interrompidos. Portanto, se não vos apressais em agir bem, a torre será terminada, e vós sereis excluídos dela (HERMAS. *O Pastor*. Parábola 11. 114, 04. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

A alegoria da fera enquanto responsável pelo fim da humanidade é apresentada na Quarta visão do livro de Hermas. Com efeito, após ser protegido pela Igreja de um ataque da criatura apocalíptica, torna-se lugar comum na tessitura d’*O Pastor* a ideia de que: o diabo – bem como a figuração do mal por ele representada – não deve ser temido. O importante, segundo pode depreender-se do diálogo entre Hermas e a Igreja, mas também entre Hermas e o Anjo da Penitência, é a relação entre o indivíduo e a Igreja: é por meio da conversão que a humanidade tem sua única chance de triunfar. A relação de Hermes com a criatura, com efeito, é apresentada na narrativa da seguinte maneira:

(...) Nesse momento, o sol brilhou um pouco, e então pude ver uma fera enorme, parecida com a baleia. E da sua boca saíam gafanhotos de fogo. A fera tinha cerca de cem pés de comprimento, e sua cabeça era do tamanho de um barril. Comecei a chorar e a pedir ao Senhor que me livrasse do monstro. Lembrei-me da palavra que tinha ouvido: “Não duvides, Hermas”. Então, irmãos, revesti-me da fé em Deus, lembrei-me

de seu ensinamento sublime e, num arrobo de coragem, me expus diante da fera. Ela avançava com grande estrépito, capaz de destruir uma cidade. Aproximei-me, e a enorme baleia se estendeu pelo chão, apenas pondo a língua para fora. Ela não fez nenhum outro movimento, até que passei por ela. A fera tinha quatro cores na cabeça: preto, avermelhado de fogo e sangue, dourado e branco (HERMAS. *O Pastor*. Quarta visão. 22, 06-10. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

Ao narrar à Igreja a sua experiência com a fera em questão, Hermes é alertado quanto à possibilidade de uma grande tribulação: a penitência, com efeito, seria o caminho alternativo para a humanidade escapar do sofrimento. Ao comentar os tormentos propiciados por uma grande besta capaz de aniquilar nações, a Hermes é dirigida a seguinte resposta:

“(...) Por tua fé, escapaste de grande tribulação, pois a visão de tão grande fera não te fez duvidar. Portanto, agora vai, e explica as grandezas do Senhor aos seus eleitos. Dize-lhes que essa fera é a prefiguração da grande tribulação que está para chegar. Se vos preparardes e de todo coração fizerdes penitência diante do Senhor, podereis escapar da tribulação (HERMAS. *O Pastor*. Quarta visão. 23,04-05. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

Se, por um lado, pode-se observar o papel de Hermas como o disseminador dos critérios de salvação para os demais membros Igreja cristã, por outro lado, com efeito, é por meio da penitência, da renúncia ao pecado que esta empreitada pode concretizar-se: eis a mensagem do Pastor, da Igreja e de Hermas às comunidades. O desfecho da humanidade, neste caso, poderia ser evitado se o indivíduo se apegasse à Igreja: única porta para a salvação.

SOLIDARIEDADE SOCIAL

Tem havido muita discussão sobre a sociedade antiga. Alguns enfatizaram as contradições, conflitos e oposições entre dominadores e dominados. Essa preocupação tem estado presente em diversas perspectivas, muitas delas derivadas de Marx e sua interpretação da História como caracterizada pela luta de classes, desde o Manifesto Comunista. Isso ganhou voga na literatura soviética e da Europa Oriental, mas também no marxismo ocidental. Por outro lado, a partir de perspectivas variadas, o arreglo, o compadrio e a diversidade foram enfatizadas, desde abordagens sociológicas e antropológicas, sob o influxo de Max Weber (BRYANT, 1998), Pierre Bourdieu, Michel Foucault ou Paul Veyne (VEYNE, 1976; ANDREAU; SCHAPP; SCHMITT, 1978), para citar alguns. Essa contraposição pode ser enganadora, pois tanto conflitos, quanto arreglos convivem em qualquer sociedade, mesmo nas anteriores ao Estado e à escrita, e tanto mais nos impérios, como no Principado romano, a partir do fim do primeiro século a.C. Até mesmo porque conflito e compromisso são, em certo sentido, duas faces de uma mesma moeda, dois aspectos de qualquer situação social.

A atribuição da autoria do Pastor de Hermas a um antigo escravo, neste contexto, não deixa de ser reveladora. A sociedade romana esteve, desde o início, aberta ao estrangeiro, ao estranho e à ascensão social, pela própria cidadania aberta, mas isso foi aprofundado com a unificação econômica e política do Mediterrâneo, no primeiro século a.C. Terêncio (195-159 a.C.), escravo, liberto, africano berbere é um bom exemplo disso. Libertos tornaram-se, com o Principado, atores sociais de destaque e o seu papel aparece não só na literatura latina e grega, como na epigrafia, e também nos escritos religiosos cristãos, já nas cartas de Paulo de Tarso

(VASCONCELLOS & FUNARI 2013). Portanto, a atribuição da autoria do texto a um liberto demonstra bem essa fluidez e interseção social.

Nesta ocasião, vamos comentar a segunda parábola¹ ou similitude, capítulo 51, cujo original grego apresentamos:

Ἡ ἄλλη παραβολή (II)

1. Περιπατοῦντός μου εἰς τὸν ἄγρον καὶ κατανοοῦντος πτελέαν καὶ ἄμπελον καὶ διακρίνοντος περὶ τῆς πτελέας καὶ τῆς ἀμπέλου; Συζητῶ, φημί,

¹ “Caminhava eu para o meu campo e, observando um olmeiro e uma videira, refletia sobre essas árvores e seus frutos. Então, o Pastor me apareceu e disse: ‘O que pensas sobre o olmeiro e a videira?’ Eu respondi: ‘Senhor, penso que eles se completam perfeitamente’. Ele disse: ‘Essas duas árvores existem para servir de modelo aos servos de Deus’. Eu pedi: ‘Desejaria saber o modelo que podem oferecer essas árvores das quais falas’. Ele perguntou: ‘Vês o olmeiro e a videira?’. Respondi: ‘Sim, senhor’. Ele continuou: ‘A videira produz frutos, mas o olmeiro é estéril. Entretanto, se essa videira não se prende ao olmeiro é estéril. Entretanto, se essa videira não se prende ao olmeiro, fica estendida no chão e não produzirá frutos. Os frutos que produzir apodrecerão, se ela não estiver suspensa no olmeiro. Vês, portanto, que o olmeiro também dá muitos frutos, não menos que a videira, e até mais’. Eu perguntei: ‘Por que mais, Senhor?’ Ele respondeu: ‘Porque a videira suspensa no olmeiro dá muitos frutos belos, ao passo que estendida no chão só produz frutos podres e poucos. Essa parábola vale para os servos de Deus, o pobre e o rico’. Eu perguntei: ‘Senhor, como assim? Explica-me’. Ele respondeu: ‘Escuta. O rico tem muitos bens, mas aos olhos do Senhor ele é pobre, porque se distrai com suas riquezas. A oração e a confissão ao Senhor não lhes são importantes e, se ele as faz, são breves, fracas e sem nenhum poder. Contudo, se o rico se volta para o pobre e atende às suas necessidades, crendo que o bem que ele fez ao pobre poderá encontrar sua retribuição junto a Deus (porque o pobre é rico por sua oração e confissão, e sua oração tem grande poder junto de Deus), então o rico atende sem hesitação às necessidades do pobre. Assim, o pobre, socorrido pelo rico, reza por ele e agradece a Deus pelo seu benfeitor; este, por sua vez, redobra o zelo para com o pobre, para que não lhe falte nada na vida, pois sabe que a oração do pobre é bem acolhida e rica junto a Deus. Desse modo, ambos cumprem sua tarefa: o pobre o faz mediante sua oração, que é sua riqueza recebida do senhor: Ele devolve ao Senhor na intenção daquele que o ajuda. E o rico, sem hesitação, dá ao pobre a riqueza que recebeu do Senhor: Essa é uma ação nobre e bem acolhida por Deus, porque o rico compreendeu perfeitamente o sentido da sua riqueza e partilhou com o pobre os dons do Senhor, cumprindo assim, convenientemente, a sua tarefa. Para os homens, o olmeiro parece não produzir fruto. Eles não ignoram e não compreendem que se vier seca, o olmeiro, que conserva a água, nutre a videira, e esta, continuamente provida de água, produz o duplo de frutos, para ela mesma e para o olmeiro. Da mesma forma, os pobres, rezando ao senhor para os ricos, assegura pleno desenvolvimento às riquezas deles. Por sua vez, os ricos, atendendo às necessidades dos pobres, dão satisfação à sua alma. Portanto, ambos participam da ação justa. Quem age assim não será abandonado por Deus, mas será inscrito no livro dos viventes. Felizes os que possuem e compreendem que o Senhor preserva suas riquezas, pois aquele que compreende poderá também prestar bons serviços’”. (HERMAS. O Pastor. Segunda Parábola. 51.01-07. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin, 1995).

κύριε, ὅτι εὐπρεπέταταί εἰσιν ἀλλήλαις, 2. Ταῦτα τὰ δύο δένδρα, φησίν, εἰς τύπον κεῖνται τοῖς δούλοις τοῦ θεοῦ. Ἦθελον, φημί, γνῶναι τὸν τύπον τῶν δένδρων τούτων ὧν λέγεις. Βλέπεις, φησί, τὴν πτελέαν καὶ τὴν ἄμπελον; Βλέπω, φημί, κύριε. 3. Ἡ ἄμπελος, φησίν, αὕτη καρπὸν φέρει, ἡ δὲ πτελέα ξύλον ἄκαρπὸν ἐστίν· ἀλλ' ἡ ἄμπελος αὕτη ἐὰν μὴ ἀναβῆ ἐπὶ τὴν πτελέαν, οὐ δύναται καρποφοῆσαι πολὺ ἐρριμμένη χαμαί, καὶ ὃν φέρει καρπὸν, σεσηκότα φέρει μὴ κρεμαμένη ἐπὶ τῆς πτελέας, ὅταν οὖν ἐπιρριφῆ ἡ ἄμπελος ἐπὶ τὴν πτελέαν, καὶ παρ' ἐαυτῆς φέρει καρπὸν καὶ παρὰ τῆς πτελέας. 4. βλέπεις οὖν, ὅτι καὶ ἡ πτελέα πολὺν καρπὸν δίδωσιν, οὐκ ἐλάσσονα τῆς ἀμπέλου, μᾶλλον δὲ καὶ πλείονα. Πῶς φημί, κύριε, πλείονα; Ὅτι φησίν, ἡ ἄμπελος κρεμαμένη ἐπὶ τὴν πτελέαν τὸν καρπὸν πολὺν καὶ καλὸν δίδωσιν, ἐρριμμένη δὲ χαμαί ὀλίγον καὶ σαπρὸν φέρει. αὕτη οὖν ἡ παραβολὴ εἰς τοὺς δούλους τοῦ θεοῦ κείται, εἰς πτωχὸν καὶ πλούσιον. 5. Πῶς, φημί, κύριε, γνῶρισον μοι. Ἄκουε, φησίν· ὁ μὲν πλούσιος ἔχει χρήματα, τὰ δὲ πρὸς τὸν κύριον πτωσεύει, περισπῶμενος περὶ τὸν πλοῦτον ἑαυτοῦ, καὶ λίαν μικρὰν ἔχει τὴν ἔντευξιν καὶ τὴν ἐξομολόγησιν πρὸς τὸν κύριον, καὶ ἦν ἔχει, βληχρὰν καὶ μικρὰν καὶ ἄλλην μὴ ἔχουσαν δύναμιν. ὅταν οὖν ἐπαναπάῃ ἐπὶ τὸν πένητα ὁ πλούσιος καὶ χορηγήσῃ αὐτῷ τὰ δέοντα πιστεύει, ὅτι ἐὰν ἐργάσῃται εἰς τὸν πένητα δυνηθήσεται τὸν μισθὸν εὐρεῖν παρὰ τῷ θεῷ· ὅτι ὁ πένης πλούσιός ἐστιν ἐν τῇ ἐντεύξει καὶ ἐν τῇ ἐξομολόγησει καὶ δύναμιν μεγάλην ἔχει παρὰ τῷ θεῷ ἡ ἐντευξις αὐτοῦ. ἐπιχορηγεῖ οὖν ὁ πλούσιος τῷ πένητι πάντα ἀδιστακτικῶς. 6. ὁ πένης δὲ ἐπιχορηγούμενος ὑπὸ τοῦ πλουσίου ἐντυγχάνει τῷ θεῷ εὐχαριστῶν αὐτῷ, ὑπὲρ τοῦ δίδόντος αὐτῷ· κάκεινος ἔτι ἐπισπουδάζει περὶ τοῦ πένητος, ἵνα ἀδιάλειπτος γένηται ἐν τῇ ζωῇ αὐτοῦ· οἶδε γάρ, ὅτι ἡ τοῦ πένητος ἐντευξις προσδεκτὴ ἐστὶ καὶ πλουσία πρὸς κύριον. 7. ἀμφότεροι οὖν τὸ ἔργον τελοῦσιν· ὁ μὲν πένης ἐργάζεται τῇ ἐντεύξει, ἐν ἧ ἡ πλουτεῖ, ἦν ἔλαβεν παρὰ τοῦ κυρίου· ταύτην ἀποδίδωσι τῷ κυρίῳ τῷ ἐπιχορηγοῦντι αὐτῷ· καὶ ὁ πλούσιος ὡσαύτως

το πλοῦτος, ὃδ' ἔλαβεν παρὰ τοῦ κυρίου, ἀδιστάκτως παρέχεται τῷ πένητι. καὶ τοῦτο ἔργον μέγα ἐστὶ καὶ δεκτὸν παρὰ τῷ θεῷ, ὅτι συνήκεν ἐπὶ πλοῦτῳ αὐτοῦ καὶ εἰργάσατο εἰς τὸν πένητα ἐκ τῶν δωρημάτων τοῦ κυρίου καὶ ἐτέλεσε τὴν διακονίαν ὀρθῶς. 8. παρὰ τοῖς οὖν ἀνθρώποις ἡ πτελέα δοκεῖ καρπὸν μὴ φέρειν, καὶ οὐκ οἶδασιν οὐδὲ νοοῦσιν, ὅτι, ὅταν ἀβροχία γένηται, ἡ πτελέα ἔχουσα ὕδωρ τρέφει τὴν ἄμπελον καὶ ἡ ἄμπελος ἀδιάλειπτον ἔχουσα τὸ ὕδωρ διπλοῦν τὸν καρπὸν ἀποδίδωσι, καὶ ὑπὲρ τῆς πτελέας. οὕτως καὶ οἱ πένητες ὑπὲρ τῶν πλουσίων ἐντυγχάνοντες πρὸς τὸν κύριον πληροφοροῦσι τὸ πλοῦτος αὐτῶν, καὶ πάλιν οἱ πλούσιοι χορηγοῦντες τοῖς πένησι τὰ δεόντα πληροφοροῦσι τὰς εὐχὰς αὐτῶν 9. γίνονται οὖν ἀμφοτέροι κοινωνοὶ τοῦ ἔργου τοῦ δικαίου. ταῦτα οὖν ὁ ποιῶν οὐκ ἐγκαταλειφθήσεται ὑπὸ τοῦ θεοῦ, ἀλλ' ἔσται γεγραμμένος εἰς τὰς βίβλους τῶν ζώντων. 10. μακάριοι οἱ ἔχοντες καὶ συνιέντες, ὅτι παρὰ τοῦ κυρίου πλουτίζονται, ὁ γὰρ συνίων τοῦτο δυνήσεται καὶ τι ἀγαθόν.

A comparação do olmeiro e da videira ecoa Catulo (62) e foi usado, com frequência na literatura cristã, para tratar da necessidade e conveniência de os ricos ajudarem os pobres (Demetz, 1927). A relação de Deus com os humanos é comparada, como em muitos textos judaicos e cristãos, àquela entre um Senhor e seus escravos, que podem ser ricos ou pobres (4 αὕτη οὖν ἡ παραβολὴ εἰς τοὺς δούλους τοῦ θεοῦ κείται, εἰς πτωχὸν καὶ πλούσιον; esta parábola é, pois, aplicável aos servos de Deus, tanto pobres como também os ricos). Os ricos são aconselhados a dar aos pobres (5 ἐπιχορηγεῖ οὖν ὁ πλούσιος τῷ πένητι πάντα ἀδιστάκτως; então o rico fornece tudo ao pobre sem hesitação), cuja retribuição são orações dos pobres a Deus. A moral da parábola é clara e explicitada ao final: 10 μακάριοι οἱ ἔχοντες καὶ συνιέντες, ὅτι παρὰ τοῦ κυρίου πλουτίζονται, ὁ γὰρ συνίων τοῦτο δυνήσεται καὶ τι ἀγαθόν.

Felizes os que possuem e que compreendem que são enriquecidos pelo Senhor, pois aquele que compreende isso poderá também praticar o bem).

Há, pois, uma explicitação tanto da manutenção das relações sociais estabelecidas e as diferenças entre ricos e pobres, e a implícita consideração que a comunidade de tementes a Deus incluem uns e outros, quanto uma deontologia para que ricos cuidem dos pobres e estes rezem pelos ricos. Trata-se, portanto, da constatação e aceitação das desigualdades sociais e sua interpretação como reflexo da relação cósmica do Senhor com os homens, seus servos ou escravos, mas, ao mesmo tempo, impõe aos ricos o cuidado dos pobres, numa versão religiosa de matriz oriental ao evergetismo citadino predominante. Assim, pode inferir-se a conversão de ricos e pobres, que deviam continuar em suas posições sociais, mas destinando o patrimonialismo da esfera pública geral para a própria comunidade.

Esta abordagem, presente *in nuce* desde o início do cristianismo, como testemunham os Evangelhos e, mais ainda, Paulo de Tarso, parece ter encontrado terreno ainda mais fértil a partir de uma convivência menos conflituosa de cristãos e politeístas, como em meados do século II, época mais provável de redação original do Pastor de Hermas (BONNER, 1927; NOCK 1938). Ainda que escatologia continuasse presente, assim como o martírio, consolidava-se a convivência no mundo romano. O fato de o Pastor de Hermas ter sido traduzido muito cedo para o latim testemunha essa aproximação com populações não helenizadas, como aliás indicam os nomes latinos do bispo de Roma Clemente (88-99?) e Pio (140-155?), este último talvez irmão de Hermas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste breve ensaio, procuramos avaliar o teor apocalíptico e social apresentado em alguns excertos da obra *O Pastor*, de autoria do liberto Hermas. Pôde-se constatar que, embora o processo de construção da torre cumpra a função de anunciar uma nova era, a Igreja aparece como uma alternativa ao desfecho apocalíptico da humanidade, configurando a possibilidade da salvação (MILLER, 1988). Aponta para a continuidade da vida terrena, em estruturas sociais patriarcais e mesmo escravistas. Parece representar uma certa acomodação às circunstâncias sociais, com a busca da mitigação da pobreza pela generosidade dos ricos.

Deve ressaltar-se, por seu turno, que a salvação aparece na obra de Hermas como o resultado de uma ética do indivíduo, posta em prática ainda em vida, em direção a tal fim. Um aspecto interessante nesse sentido, e que optamos por explorar noutra oportunidade, é a questão da renúncia aos bens materiais e à sexualidade, que aparece em trechos da obra e que não se aplicaria a todos os conversos, como vimos pela salvação dos ricos. Sua observação, no entanto, extrapolaria as dimensões estabelecidas por este breve ensaio, elaborado com a modesta pretensão de averiguar, ainda que de maneira breve, algumas das características apocalípticas e sociais contidas no livro *O Pastor*.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Paulo Augusto de Souza Nogueira e Pedro Lima Vasconcellos. Mencionamos, ainda, o apoio institucional do CNPq, da Unicamp, da Universitat de Barcelona e da Fapesp. A responsabilidade pelas ideias restringe-se aos autores.

Referências Bibliográficas

- PADRES APOSTÓLICOS. Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué. Tradução de Ivo Stornio e Euclides Balancin. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- BATOVICI, Dan. *Patristic Reception and Apocalyptic Character: The Shepherd of Hermas as Authoritative Book in Early Christianity*. M.Phil. Thesis. St Andrews University, 2016.
- BONNER, Campbell. A New Fragment of the Shepherd of Hermas (Michigan Papyrus 44-H). *The Harvard Theological Review*. Vol. 20, No. 2 pp. 105-116. April, 1927.
- BROWN, Peter. *Antiguidade Tardia*. In: VEYNE, Paul. *História da Vida Privada. Volume 01. Do Império Romano ao ano 1000*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BRYANT, J.M. Wavering saints, mass religiosity, and the crisis of post-baptismal sin in early Christianity: a Weberian reading of The Shepherd of Hermas. *European Journal of Sociology / Archives Européennes de Sociologie / Europäisches Archiv für Soziologie*. Vol. 39, No. 1, 1998 pp. 49-77.
- COLLINS, John Joseph. *The apocalyptic imagination. An introduction*. Second Edition. Cambridge: William Eerdmans Publishing Company, 1998.
- _____. *A imaginação apocalíptica*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.
- DEMETZ, Peter. The Elm and the Vine: Notes toward the History of a Marriage Topos. *PMLA*. Vol. 73, No. 5, Part 1. pp. 521-532. Dec.1958.
- FATTAL, M. *Du bien et de la crise. Platon, Parménide et Paul de Tarse*. Paris: l'Harmattan, 2016.
- MARTÍN, José Pablo. "El Pastor de Hermas en el Siglo II: de la apocalíptica a la História". *Circe*. Nº11, 2007. p.175-194.
- VALDEZ, Ana. "A literatura apocalíptica enquanto gênero literário (300 a.C. – 200 d.C.)". *Millenarium. Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*. Ano I, nº01, 2002. p.55-66.

- MILLER, Patricia Cox. All the Words Were Frightful”: Salvation by Dreams in the Shepherd of Hermas. *Vigiliae Christianae*. Vol. 42, No. 4 (Dec., 1988), pp. 327-338.
- NOCK, Arthur Darby. A Papyrus Codex of the Shepherd of Hermas (Similitudes 2-9) with a Fragment of the Mandates by Campbell Bonner; Der Hirt des Hermas. Allegorie Oder Wirklichkeit? by Åke V. Ström. *Gnomon*. 14. Bd., H. 5. pp. 268-271. May, 1938.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião de visionários: Misticismo e apocalíptica no cristianismo primitivo. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- RIDDLE, Donald W. The Messages of the Shepherd of Hermas: A Study in Social Control. *The Journal of Religion*. Vol. 7, No. 5/6 pp. 561-577. Oct. 1927.
- RIVAS REBAQUE, Fernando. ¿Los ricos pueden salvarse?: la limosna reudentora en el “Pastor” de Hermas (Sim. II: parábola del olmo y la vid). *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 44:2. p.45-63. 2014.
- TURNER, C.H. The Shepherd of Hermas and the problem of its text. *The Journal of Theological Studies*, Vol. 21, No. 83. p.193-209. April, 1920.
- VASCONCELLOS, P.; FUNARI, P.P.A. *Paulo de Tarso, um apóstolo para as nações*. São Paulo, Paulinas, 2013.
- VEYNE, Paul. *Le Pain et le Cirque*. Paris: Ed. Du Seuil, 1976.

